

SET/OUT/1987 - Nº 5

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



PERSONALIDADE E RELIGIÃO

ARTIGOS

3 ARQUEOLOGIA
NOVA CONFIRMAÇÃO DA BÍBLIA
Vilmar Emilio Gonzáles

4 SANTA CEIA:
SOMENTE PARA OS MEMBROS?
Frank Holbrook

7 PERSONALIDADE E RELIGIÃO
Dr. César V. de Souza

10 O SANTUÁRIO MOSAICO
E. Randall Binns

15 APRESENTAÇÃO CLARA E
SIMPLES DA VERDADE

16 VINTE CONSELHOS A
PASTORES JOVENS

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Programadora Visual:** Vilma B. Piergentile; **Capa:** PMS; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.



7525

Arqueologia — Nova Confirmação da Bíblia

A escavação arqueológica patrocinada pela Universidade Andrews, em julho de 1984, trouxe à luz a primeira evidência extrabíblica da existência de um rei amonita chamado Baalis, o qual foi contemporâneo do profeta Jeremias. O local da escavação é conhecido como "Tell el-Umeiri", distante cerca de 13 km da cidade de Amã, capital da Jordânia.

Numa pesquisa preliminar de superfície, um de nossos colegas encontrou uma "pedrinha" suja e feia, que lhe chamou a atenção. Todo o material escavado era literalmente peneirado e, em dado momento, ao passar na peneira terra e pedra, o Dr. Lloyd Willis notou um pequeno objeto de forma um tanto cônica, coberto de barro e sujeira. Após a devida limpeza, verificou-se que era um carimbo ou selo de, aproximadamente, dois centímetros de diâmetro, belamente gravado em pedra.

A Bíblia faz referência a um rei amonita chamado Baalis, nos seguintes termos: "Joanã, filho de Careá, e todos os príncipes dos exércitos, que estavam no campo, vieram a Gedalias, a Mispá, e lhe disseram: Bem sabes que Baalis, rei dos filhos de Amom, enviou a Ismael, filho de Netanias, para te tirar a vida. Mas não lhe deu crédito Gedalias, filho de Aicão". (Jer. 40:13 e 14; comp. II Reis 25:20-25).

PERPLEXIDADE DOS ESTUDIOSOS

Por décadas, estudiosos da Bíblia estiveram perplexos a respeito do rei amonita

Baalis. Por falta de comprovação extrabíblica, muitos descartavam a veracidade do relato bíblico; no entanto, com o achado do selo amonita, acima citado, mencionando o nome Baalis, bem como com a devida explicação oferecida por estudiosos e arqueólogos adventistas, a Bíblia mais uma vez "tem razão", além de ser uma contribuição valiosa no campo da arqueologia bíblica, por parte de uma expedição patrocinada pela Universidade Andrews.

A impressão no selo divide-se em três partes, sendo que as partes superior e inferior contêm a inscrição propriamente dita. Na parte central aparece a impressão de um escaravelho com as asas abertas e empurrando um disco solar. Ao lado, estão dois estandartes com um disco solar e a Lua em forma crescente, acima de cada um deles. O desenho é bastante comum na arte antiga em selos. Um estudo comparativo com outros selos da época, demonstra que tais selos eram usados por altos funcionários do governo. E no que tange à inscrição, ela reza assim:

lmlkm'wr ꞙbc b'lyšꞙ

A tradução literal seria: lmlkm'wr = "Pertence a Milcom é chama". Milcom era um dos deuses dos amonitas (I Reis 11:5, por exemplo). Conforme o costume oriental, muitas vezes os pais davam nomes teofóricos (relacionados ou associados com algum deus) a seus filhos, mesmo entre os israelitas. Por exemplo: Daniel, que significa "Deus (El) é meu juiz". E

mlkm'wr, significa "Milcom é chama" (mlkm = Milcom; wr = é chama ou luz). "Milcom é chama" era o nome de um funcionário do rei Baalis. As letras seguintes ^{bd}, traduzem-se como "servo", enquanto ^{b^clys^c} (Baalis) são, na realidade, duas palavras.

A palavra Baalis (^{b^clys^c}) é uma espécie de abreviatura ou variante de "Baalyasha", facto descoberto com a ajuda de estudos linguísticos. A palavra amonita "Baalyasha" foi escrita "Baalis" pelo profeta hebreu Jeremias, o qual, sem dúvida, escreveu assim refletindo a maneira como a palavra amonita era pronunciada. (Compare-se a pronúncia das palavras Chibolete e Sibólete a leste e a oeste do rio Jordão, Juízes 13:6.)

DOIS ELEMENTOS

A palavra *Baalyasha* contém dois elementos: o primeiro, ^{b^cl}, é traduzido por Baal, divindade largamente adorada no Oriente Médio. E o segundo elemento ^{ys^c} (*yasha*), significa "salva" ou "é salvação". ^{b^clys^c} (Baalis ou Baalyasha) quer dizer "Baal salva". Isto também ilustra a corrupção de tal palavra em tempos antigos (compare-se por exemplo o termo "Baal salva" com o nome Eliseu, que significa "Deus salva").

A inscrição toda, do selo é, pois, a seguinte:

mlkm'wr

Pertence a Milcom é chama

^{bd}

servo de

^{b^clys^c}

Baal salva

Em tempos antigos, costumava-se colocar o nome do rei logo após a palavra "servo", o que identifica Baalis como sendo o nome do rei no selo em apreço. E a palavra "servo" não possuía nada de pejorativo, sendo, neste contexto, um título de nobreza e, neste caso, talvez uma espécie de primeiro-ministro ou embaixador.

A importância e valor desta descoberta arqueológica pode ser resumida como segue:

1. Fica solucionado um problema filológico no que se refere à relação da palavra "Baalis", usada por Jeremias, com a palavra amonita "Baalyasha", escrita no selo.

2. É a primeira vez que aparece o elemento divino "Milcom" associado ao nome de uma pessoa. Há dezenas de nomes amonitas mencionados na Bíblia e em outras inscrições e selos amonitas, mas nunca associados ao deus Milcom.

3. É a primeira prova extrabíblica que confirma a historicidade do rei amonita Baalis, mencionado por Jeremias.

* As devidas explicações sobre a inscrição no selo amonita são fornecidas pelo Dr. Larry G. Herr, professor de Arqueologia e Antigo Testamento no Canadian Union College; pelo Dr. Lawrence T. Geraty, Diretor do Atlantic Union College; e por Randall Younker, aspirante a doutorado pela Universidade de Arizona.

FRANK HOLBROOK - Diretor-associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Santa Ceia: Somente Para os Membros?

O batismo é uma iniciação pública do novo crente em união com Cristo e Seu corpo, a Igreja (Rom. 6:3-6; Efés. 1:22 e

23; I Cor. 12:13). Por esse motivo, só o indivíduo que expressou sua fé em Jesus Cristo como seu Salvador pessoal e Senhor, e que

deseja estabelecer um laço de união com Ele e Sua Igreja, deveria participar dessa ordenança.

Mas quem pode tomar parte nas outras duas ordenanças: o lava-pés e a Santa Ceia? Essa questão tem gerado considerável discussão entre cristãos, principalmente com respeito à Ceia do Senhor. Alguns grupos praticam o que é conhecido como Comunhão fechada. A frase indica que estas denominações restringem o rito a seus próprios membros, ou mesmo a membros de uma determinada congregação.

Outras igrejas permitem o que é conhecido como Comunhão aberta. Elas dão as boas-vindas a todos os cristãos à mesa do Senhor, sem levar em conta sua filiação denominacional. Historicamente, os Adventistas do Sétimo Dia sempre permitiram essa prática. Nossa Declaração de Crenças Fundamentais, publicada anualmente no *Yearbook*, declara: "O serviço da Comunhão é facultado a todos os cristãos". Examinemos a base bíblica para esta prática.

COMUNHÃO — UM SERVIÇO SÓ PARA OS CRENTES

Podemos tomar nosso alimento físico sozinho ou juntamente com outros. Mas por causa do companheirismo que ele oferece, em geral preferimos a última modalidade. Nesse sentido, o alimento sagrado não é diferente. Embora pudesse ser comido sozinho, o Salvador instituiu esta ordenança numa relação de grupo.

Em sua primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo chama a atenção para o aspecto da *comunhão* ou *companheirismo* na Ceia do Senhor. Ele salienta que essa ordenança envolve dois grupos de relacionamento: 1) o crente e Cristo e 2) o crente e seus irmãos de fé. Falando do primeiro grupo, ele diz: "O cálice de bênção que abençoamos, não é a comunhão (*Koinônia* — palavra grega que significa companheirismo, íntimo relacionamento mútuo) do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é a comunhão (*Koinônia*) do corpo de Cristo?" (I Cor. 10:16).

Quando o crente, em humilde gratidão come e bebe os emblemas do partido corpo do Salvador, e do Seu sangue vertido, ele confessa de novo sua fé em Jesus Cristo. Expressa, por esse meio, sua confiança nEle como seu Salvador pessoal e seu Senhor, e reafirma sua crença de que Deus, por meio de Cristo, lhe perdoou e o aceitou como filho.²

Qual é, pois, o principal significado desse serviço sagrado? Em certo sentido, não é ele propriamente um alimento, mas, simbolicamente, a confissão, em Jesus Cristo, da fé do cristão. A Ceia do Senhor é, portanto, obviamente um ritual *para os cristãos*, isto é, para aqueles que reconhecem a Cristo como Salvador e Senhor. Os não cristãos, e aqueles que não têm ainda idade suficiente para entregar de maneira inteligente suas vidas a Cristo, deveriam naturalmente ser excluídos de participação.

Enquanto a Ceia do Senhor serve primeiramente para ligar os crentes a seu Salvador, fortalece também o relacionamento dos fiéis. Paulo escreveu: "Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão" (I. Cor. 10:17). Como todos os pedaços de pão da Santa Ceia ingeridos pelos crentes provêm de um pão, assim também todos os crentes que participam do Serviço da Comunhão estão unidos nAquele cujo corpo partido é tipificado pelo pão partido. Ao tomarem parte juntos nessa ordenança, os cristãos mostram publicamente que estão unidos e que pertencem a uma grande família, cuja cabeça é Cristo.³

DEVERIA ALGUM CRISTÃO SER EXCLUÍDO?

Realizaria Jesus a Comunhão fechada, se estivesse conosco hoje? (Seu exemplo deveria orientar nossa maneira de agir; ver S. Mat. 16:24; I Ped. 2:21.) Os acontecimentos que se desenrolaram no aposento superior, quando Jesus instituiu a Ceia, indicam claramente Sua atitude para com uma restrição dessa natureza.

Quando sincronizamos os relatos que Lucas e João escreveram, obtemos a seqüência cronológica do que aconteceu na última noite de Cristo com Seus discípulos: 1. Começou o comer da Páscoa (S. Luc. 22:14-18). 2. Jesus Se levantou e lavou os pés dos discípulos (S. João 13:1-17), inclusive os de Judas. 3. Jesus instituiu a Ceia, abençoando o pão e o vinho e oferecendo-os aos discípulos (S. Luc. 22:19 e 20). 4. Jesus identificou a Judas como aquele que O trairia (versos 21-23; S. João 13:18-25). 5. Judas parte tão abruptamente que o grupo confuso não entendeu o que havia acontecido (S. João 13:27-30).

Todos os 12 discípulos se apresentaram para comer a Páscoa com Jesus (S. Mat. 26:20; S. Mar. 14:17; S. Luc. 22:14). Judas Iscariotes era um desse grupo especial que Jesus havia indicado para pregar em Seu

nome (S. Mar. 3:14-19; S. Luc. 6:13-16). Juntamente com os outros, Judas havia exercido poderes especiais para expulsar os espíritos imundos "e para curar toda sorte de doenças e enfermidades" (S. Mat. 10:1). Exerceu também a função de tesoureiro do grupo (S. João 12:6; 13:29).

Antes da época da Páscoa, Judas fez os planos para trair seu Mestre (S. Mat. 26:14-16). Mas o Salvador não foi pego de surpresa. Ele estava totalmente informado da traição de Seu discípulo, havia dito abertamente a todos eles alguns meses antes: "Não vos escolhi Eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo" S. João 6:70).

Quando os discípulos se reuniram no aposento superior naquela ocasião especial, não havia nenhum servo para lavar-lhes os pés, e nenhum deles se dispôs a fazer esse trabalho. Assim, enquanto a refeição estava em andamento (talvez em sua primeira fase), Jesus Se levantou para praticar aquela cortesia (S. João 13:2-5, RSV).

Nesse procedimento, Jesus lavou os pés de Judas, Seu traidor, sabendo muito bem o que este já havia planejado fazer! Jesus revelou este conhecimento quando, ao lavar-lhe os pés, disse abertamente aos discípulos: "Vós estais limpos, mas não todos" (verso 10).

Jesus identificou o traidor ainda presente só *depois* da instituição da Ceia do Senhor.⁴ A descrição de Lucas diz como segue: "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o Meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de Mim. Semelhantemente, depois de ceiar, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós. *Todavía* (grego: plên — uma conjunção que significa, neste caso, "contudo", "todavía" ou "mas"), *a mão do traidor está comigo à mesa*" (S. Luc. 22:19-21).

Ao usar essa conjunção, Lucas liga a declaração de Cristo, com relação ao significado simbólico do vinho, a Seu anúncio de traição por um dos presentes. Jesus falou da nova aliança que estava sendo selada com o derramamento do Seu sangue, e disse que precisamente naquele momento a mão de alguém cuja traição levaria ao derramamento do Seu sangue estava à mesa, ao redor da qual estavam reunidos. Judas não só tomou parte no comer a Páscoa e na lavagem dos pés, como também na Ceia da comunhão.

Ellen White descreve a cena nestas palavras: "Judas o traidor estava presente no serviço sacramental. Ele recebeu de Jesus os emblemas de Seu corpo partido e de Seu sangue derramado. Ouviu as palavras: 'Fazei isto em memória de Mim.' E ali assentado na presença do Cordeiro de Deus, o traidor remoía seus negros propósitos e nutria seus lúgubres e vingativos pensamentos."⁵

UM RITUAL EVANGELÍSTICO

Por que permitiu o Salvador que Judas participasse desses três eventos sagrados: a Páscoa, o lava-pés e a ceia da Comunhão? Sem dúvida, uma das razões foi assegurar aos apóstolos (quando mais tarde refletissem sobre essa experiência) que seu Mestre era realmente o divino Filho de Deus, o Messias; que Ele possuía o inteiro controle e sabia tudo a respeito de Judas e dos acontecimentos que estavam diante dEle (ver S. João 13:18 e 19).

Havia, porém, uma razão mais importante: a compaixão do Salvador, Seu desejo de salvar a Judas. Até aquela noite, Judas não havia fechado a porta de sua prova. A misericórdia ainda apelava, e "Jesus ainda lhe deu oportunidade de arrepender-se."⁶ Ellen White comenta: "Embora Jesus conhecesse Judas desde o começo, lavou-lhe os pés. E o traidor teve o privilégio de unir-se com Cristo ao participar do Sacramento. Um Salvador longânimo assegurou todo incentivo para que o pecador O recebesse, se arrependesse e fosse lavado da mancha do pecado."⁷

De acordo com este ligeiro esboço, torna-se evidente que o Salvador jamais praticaria a Comunhão fechada. Nenhum dos discípulos estava sem defeito quando se reuniram no aposento superior (Ver S. Luc. 22:24). Mas por meio da lavagem dos pés e da Santa Ceia, o Salvador levou todos, menos um, a uma situação de humilde arrependimento e confiança nEle.

Esta a razão por que os adventistas do sétimo dia praticam a Comunhão aberta. Não podemos ler os pensamentos ocultos dos cristãos que se reúnem conosco, mas sabemos que o Espírito Santo está presente para insistir com qualquer pecador que fez mera profissão de fé. Quem pode garantir que, quando o Espírito enaltecer o Cristo amoroso (ver S. João 12:32), ninguém atenderá a este "evangelismo do ritual"?

Diante do que Jesus fez, Ellen White escreveu este conselho à Igreja: "O exemplo de Cristo proíbe o exclusivismo na Ceia do

Senhor. É verdade que o pecado conhecido exclui o culpado. Isto o Espírito Santo ensina claramente. I Cor. 5:11. Mas além disso ninguém deve ser passado em juízo. Deus não confiou aos homens dizerem quem deve comparecer nessas ocasiões. Pois quem pode ler o coração? Quem pode distinguir o joio do trigo?...

“Podem entrar na congregação pessoas que não são de coração servas da verdade e da santidade, mas que podem desejar tomar parte no serviço. Elas não devem ser impedidas...”

“Cristo aí está, por intermédio do Espírito Santo, para colocar o selo de Sua própria ordenança. Ele aí está para convencer e abrandar o coração. Nenhum olhar, nenhum pensamento de contrição, escapa-

Lhe à observação. Pois Ele está à espera do coração quebrantado e contrito. Todas as coisas estão prontas para essa recepção da alma. Aquele que lavou os pés de Judas, espera lavar cada coração da mancha do pecado.”⁸

Referências:

1. *Seventh-day Adventist Yearbook* (Hagerstown, md., *Review and Herald* Pub. Ass., pág. 6. Ver também “Lord’s Supper”, *SDA Encyclopedia* (Washington, D.C.: *Review and Herald* Pub. Assn. 1976), págs 813 e 814. e *SDA Church Manual* (Washington, D.C.: General Conference of Seventh-day Adventists, 1986), págs. 80 e 81.
2. Ver Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 389.
3. *The SAD Bible Commentary*, vol. 6, pág. 746.
4. Deve-se notar que a fim de realçar o susto e consternação produzidos pela revelação de Cristo de Seu traidor, Mateus e Marcos mantêm a ordem dos acontecimentos, colocando a revelação no início da Páscoa. Lucas, por outro lado, recorda os incidentes em seqüência natural.
5. White, pág. 653.
6. *Idem*, pág. 655.
7. *Ibidem*. Ver também pág. 645.
8. *Idem*, pág. 656.

DR. CÉSAR V. DE SOUZA - Psiquiatra do Hospital Adventista Silvestre

Personalidade e Religião

O Dr. Rollo May, psicólogo e psicanalista cristão, comenta em um de seus livros a importância da relação que existe entre a personalidade de uma pessoa e a maneira em que ela vive a religião. Por acharmos válidas suas idéias, e por continuarmos a crer que é útil entendermos a estrutura psicológica de nós mesmos, isto é, como somos como pessoa, a fim de que até nossa maneira de viver a religião seja melhorada, resolvemos partilhar com os leitores algumas idéias sobre tais questões.

A Psicologia é a ciência que nos auxilia em tal compreensão, e é interessante notarmos que a Sra. White já havia declarado, há muitos anos, o que certos psicólogos estão verificando hoje em dia. Diz ela que os verdadeiros princípios da Psicologia se acham nas Escrituras.¹ O Dr. May assim diz: “Há um nítido paralelo entre as descobertas da psicoterapia e os ensinamentos de Jesus.”²

A SAÚDE DA PERSONALIDADE

Seria bom perguntar-nos, vez por outra,

se nossa vida religiosa contribui para a saúde da personalidade ou não. É útil tomarmos consciência da nossa espécie de religião e como esta é vivida por nós. A Bíblia exorta-nos a fazer isto, quando diz: “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé” (II Cor. 13:5). Não basta pensarmos que a religião que vivemos é a Verdade; é fundamental termos consciência de como a vivemos! Não nos esqueçamos de que os judeus do tempo de Cristo eram depositários da verdade divina e, no entanto, a deturparam ao máximo. O mesmo pode acontecer hoje com adventistas leigos ou obreiros.

Freud errou ao afirmar que a religião é por si mesma uma neurose compulsiva. Algumas são, é verdade. Mas muita coisa pode servir na vida como fuga compulsiva. Quando a realidade de (ou para) uma pessoa é difícil, sofredora ou angustiante, esta pode agir compulsivamente na vida. Pode tornar-se um bebedor compulsivo, um gastador de dinheiro compulsivo, um trabalhador compulsivo, uma esposa que arruma a

casa compulsivamente, um médico que tem compulsão para realizar cirurgias, um pastor com compulsão para atingir alvos, etc. O problema da compulsão é que geralmente é uma tentativa de fuga de alguma realidade emocional angustiante. Agir por compulsão é agir com consciência parcial, ou sem nenhuma, dos motivos que levam à ação.

Uma vez que a pessoa ainda não aprendeu a enfrentar suas realidades internas mais madura e construtivamente, ela foge para a compulsão, isto é, reage compulsivamente. Daí que muito do que ela venha a fazer seja feito devido mais a sua própria dificuldade de enfrentar a realidade, do que em função de genuíno benefício do outro, seja este outro uma pessoa ou uma instituição.

Por outro lado, Freud estava tecnicamente certo ao perguntar se a religião, da forma como você a vive, aumentará sua dependência e o manterá infantil e imaturo.³ A Sra. White afirma que a religião de Cristo não é causa de insanidade mental.⁴ Realmente não é. Mas o que é a religião de Cristo? Pode não ser o que você acha que é, ou o que o pregador diz que é. Os doutores da lei, no tempo de Jesus, pregavam uma forma de religião correta? Nossa atitude deve ser, portanto, a de sempre termos uma humilde consciência crítica positiva, que nos leve a pesquisar as Escrituras e os escritos de E. G. White, observando o que nos dizem as pessoas e o que nós mesmos cremos, pregamos e vivemos, a fim de verificar se "as coisas são de fato assim" (Atos 17:11). O ponto que desejamos enfocar aqui, porém, está relacionado mais com aquilo que sou como pessoa ou como personalidade, e como isto influencia minha vivência da religião e até minha crença.

Será que a religião que você vive, serve para mantê-lo num plano infantil de desenvolvimento, capacitando-o a evitar a ansiedade causada pela liberdade e responsabilidade pessoal? Ou serve como algo que afirma seu valor e dignidade, ajudando-o a aceitar corajosamente suas limitações e ansiedades normais, auxiliando-o a desenvolver seus talentos, responsabilidade e capacidade de amar os seus semelhantes? Para tentarmos responder melhor a tais questões, precisamos analisar um pouco a relação entre religião e dependência.

RELIGIÃO E DEPENDÊNCIA

Existe a dependência natural e a doentia. Uma criança de dois anos depende do adulto para atravessar uma rua movimentada. Isto é normal, e seria inadequado em se tra-

tando de alguém com 30 anos. A dependência emocional não é simplesmente uma questão de fracasso em evoluir, mas um comportamento que demonstra a dificuldade e conseqüente fuga da ansiedade.

Um cristão pode sentir-se dependente de Deus, negativamente falando, porque talvez tenha sido educado num ambiente no qual os pais o manipulavam, utilizando erradamente instruções religiosas corretas como "honrar pai e mãe". Isto é, os pais podem impedir o filho de atingir alguma liberdade normal, utilizando com sutileza inconsciente argumentos religiosos, como por exemplo, afirmar que é "da vontade de Deus" que o jovem permaneça sob a direção dos pais.

Os pais podem agir assim como se o filho ou filha só pudessem conseguir realização pessoal estando sob o controle deles. Contudo, as intenções inconscientes desses pais podem ser bem diferentes das intenções conscientes. A questão é que a libertação dos filhos provoca às vezes ansiedade nos pais. E esta ansiedade os impede de crer nas potencialidades da criança, quem sabe, até por ser difícil aos pais crerem em suas próprias potencialidades.

O mesmo pode ocorrer em nível de instituição, isto é, uma autoridade (política, eclesiástica, etc.) pode ter tendência para manter seu poder, submetendo outros ao seu domínio, porque a liberdade dos que estão submissos pode criar ansiedade, e colocar a descoberto as reais motivações do exercício da autoridade, as quais podem não ser adequadas. Por isso, os que têm posição de mando e são dominadores (autoritários) não gostam que os outros pensem muito, que façam críticas positivas e firmes, mas sim, que aceitem pacificamente suas determinações e explicações.

A tendência de alguém sujeitar-se ao poder de outro, pode ter origem em desejos infantis de que alguém cuide dele. Isto pode levar a pessoa a entregar-se a quem a domina. Esse fato pode ocorrer também em relação a Deus; isto é, podemos obedecer submissamente ao Criador mais por causa de uma dependência imatura, do que por decisão de obedecer-Lhe; porque o que Ele pede é o correto, é o certo, é o direito.

SUBMISSÃO INADEQUADA

Para muitas pessoas, a submissão inadequada a qualquer autoridade existe, porque, possivelmente, durante sua infância elas tiveram muito que renunciar. Deixaram (ou foram obrigadas a deixar) com os pais a capacidade e o direito de fazer julgamentos

morais. "Entraram no jogo" no qual passaram a ter o "direito" de depender das forças e juízos paternos, da mesma forma como o escravo depende do senhor. Daí se sentirem frustradas e aborrecidas se os pais (ou representantes, como Deus, pastor, etc.) não lhes dispensaram atenções especiais. Vieram aprendendo que facilidade e sucesso são o resultado de terem "bom comportamento", que vem pela obediência.

Entretanto, a exigência de certos pais, no sentido de que seus filhos tenham "bom comportamento", muitas vezes serve mais para algum conforto ou benefício dos pais, do que das crianças. E, no desejo de que os filhos sejam obedientes, podem ser utilizados maneiras e argumentos tais que tolham as características pessoais saudáveis das pessoas submissas (filhos ou outras pessoas sobre as quais é exercido algum poder). Tais pessoas, presas emocionalmente, são ressentidas, mesmo que não se apercebam disto; ao mesmo tempo que exigem cuidados, tentam, de modo geral e por métodos sutis, exercer poderio sobre outras.

A religião pode ser vivida imaturamente quando por ela procuramos resolver angústias que têm que ver com a vida emocional, e não com a vida espiritual, isto é, que têm que ver com sofrimentos vindos da infância e da adolescência, e não vindos como consequência da condição espiritual caída do ser humano que nos leva a transgredir conscientemente a lei de Deus. Muitas vezes não é fácil separarmos o que é espiritual e o que é psicológico, mas há um campo para cada uma dessas partes da natureza humana. Se misturarmos tudo, podemos sofrer mais do que é necessário.

Por quê? Porque a pessoa que tem um sofrimento psicológico (angústia, tristeza, etc.), e acha que é espiritual, vai querer resolvê-lo através da religião e, provavelmente, não consiga; da mesma forma que não poderia resolver um problema físico com a religião, embora os milagres sejam possíveis.

Alguém poderá buscar a religião para resolver angústias psicológicas. A menos, porém, que tome consciência de tais angústias, que compreenda como estando ligadas a sofrimentos emocionais do passado, e que aprenda a encará-las de frente e corajosamente, não as resolverá. Certamente não conseguirá viver a religião mais prazerosamente.

Deus pode ajudar temporariamente uma pessoa a entender Sua verdade e a aceitá-la, usando os sofrimentos emocionais dela,

os quais podem ser aliviados no princípio da conversão. Mas Ele não vai resolvê-los definitivamente, porque há métodos humanos para tal alívio, e porque é importante que a pessoa aprenda a enfrentar suas angústias psicológicas — para seu crescimento global — sem querer que Deus a livre milagrosamente. Faz parte do amadurecimento da personalidade experimentar certas angústias e vencê-las.

O Dr. May comenta este assunto da seguinte maneira: "Spinoza faz uma declaração que irrompe como uma aragem fresca no pântano mórbido e nevoento da dependência religiosa: 'Quem ama a Deus não deve esperar ser por Ele amado.' Nesta expressiva frase fala o homem corajoso, que sabe que a virtude é felicidade, e não um recibo para obtê-la; que o amor de Deus é a sua própria recompensa; que a beleza e a verdade devem ser amadas porque são boas, e não porque redundarão em crédito do artista, cientista, ou filósofo que as ama."⁵

É na medida em que enfrentamos construtivamente nossa solidão e angústia psicológica, sem apelar para "milagres" (vindos de Deus, do médico, que queremos que dê um remédio mágico, etc.) e sem buscarmos uma submissão imatura a qualquer autoridade, que podemos partir para maior liberdade e integração, podendo relacionar-nos com os semelhantes de forma criativa e amorosa.

AUTORIDADES NATURAIS

Tanto na religião como em outros setores de nossa vida, há autoridades naturais. Estas, porém, devem ser consideradas uma questão de responsabilidade pessoal, e não vividas através do autoritarismo; porque este último é uma forma neurótica de autoridade. Aumenta, na medida em que a pessoa evita a responsabilidade dos próprios problemas.

Surge, então, uma pergunta importante para meditação daquele que se sente submisso inadequadamente, ou do que atua com autoritarismo: O que o faz submeter-se inadequadamente a uma autoridade? Ou o que o faz agir autoritariamente? Qual o problema emocional particular, do seu íntimo, o problema do qual está procurando fugir através de uma conduta submissa ou autoritária? O que houve em sua infância, que faz com que você atue assim na vida adulta?

Concordamos, mais uma vez, com o Dr. May, quando diz: "A religião é construtiva quando fortalece na pessoa o senso de dignidade e valor, ajuda-a a confiar no uso e desenvolvimento de sua consciência ética, liberdade e responsabilidade pessoal."⁶

Jesus nunca usava Sua autoridade como abuso de poder e arrogância de sabedoria e instrumento de desprezo dos demais. "Já não vos chamo servos, mas amigos"; "o que o Pai Me ensinou isto vos falo"; "vou preparar-vos lugar, para que onde Eu estiver estejais vós também"; etc. Estas são demonstrações corretas, amorosas e maduras de exercer autoridade! Jesus era submisso ao Pai, mas não com ressentimento; não por causa de uma dependência imatura, mas por causa do reconhecimento da

Sua necessidade do poder do Pai para vencer como Homem, e por causa do desejo de seguir a verdade porque é a verdade.

Como tenho usado a autoridade que posuo como pai, mãe, patrão, pastor da igreja, obreiro de qualquer instituição? Como está minha submissão a Deus e às autoridades humanas? Agora que você acabou de ler este artigo, use uns minutinhos para uma auto-análise sincera e honesta. Encare de frente isto que surge aí na sua mente agora! E cresça como pessoa cristã, para ser mais feliz e mais útil ainda nessa vida!

Referências bibliográficas:

1. E. G. W., *Medit. Mat.* 1953, pág. 347.
2. Rollo May, *O Homem à Procura de Si Mesmo*, Edit. Vozes, pág. 183.
3. *Idem*, pág. 161.
4. E. G. W., *Cons. Sobre Saúde*, págs. 324, 325.
5. Rollo May, *Op. cit.*, pág. 169.
6. *Idem*, pág. 170.

E. RANDALL BINNS — Professora aposentada e escritora, residente na Inglaterra

O Santuário Mosaico

Através do santuário, Deus procurou comunicar Seu amor e graça à humanidade. As lições devocionais que esta autora descobriu nas instruções de Deus a Moisés, podem ajudá-lo a compreender o evangelho de acordo com o santuário.

Nenhum assunto na Bíblia é de maior significado religioso e psicológico para nós do que o do santuário; não obstante, nenhum é menos conhecido ou compreendido pela média dos cristãos, nem menos comentado e explicado no presente pelo clero. Aqueles que pensam que apenas o Novo Testamento é vital para a doutrina cristã, relegaram tanto o tabernáculo do deserto como o Templo de Jerusalém (com todas as coisas, "judaicas") ao limbo das idéias do Antigo Testamento que têm pouca relevância. Todavia, não é exagero dizer que nenhum tema bíblico projeta mais luz

sobre os assuntos do Deus-figurado, sobre o inconsciente em geral, sobre toda a estrutura mental e espiritual do homem, e sobre seu funcionamento presente e destino final do que o do santuário.

Uma indicação da importância do santuário, é o espaço que lhe é dedicado nas Escrituras. A descrição do santuário do tabernáculo portátil e seus serviços ocupa grande parte do Pentateuco. Posteriormente, muitos capítulos são dedicados à construção do Templo de Salomão e da inauguração de seus serviços, e Esdras descreve a reconstrução do Templo após o cativo

abilônico. Alguns anos antes do retorno dos judeus de Babilônia, o profeta Ezequiel recebeu uma visão do grande templo, que jamais se tornou uma construção literal; uma visão a respeito de cuja interpretação ainda existe muito desacordo. A Epístola aos Hebreus chama a atenção dos leitores cristãos de maneira muito poderosa para o assunto dos aspectos básicos do santuário. E, finalmente, o livro do Apocalipse refere-se freqüentemente a um templo no Céu, que é de vital importância para todos os que estiverem vivos para o desenrolar do drama da redenção em sua fase final.

LUGAR DA HABITAÇÃO DE DEUS

Ao construir o tabernáculo, Moisés foi instruído não só a ordenar que as pessoas trouxessem uma oferta, mas a trazê-la *voluntariamente*. Isto envolveria uma total, pronta e alegre aceitação da vontade de Deus. Deviam trazer generosas porções de todos os melhores tesouros a eles entregues pelos egípcios, por ocasião de sua partida, entre os quais ouro, prata, custosos materiais tingidos em belas cores, peles de animais, azeite, especiarias aromáticas e pedras preciosas; e *eles próprios* deviam fazer o santuário, "para que Eu possa habitar no meio deles" (ver Êxodo 25:1-8). Constituíam o mais ardente desejo de todos os verdadeiros adoradores de *Yahweh* que Ele habitasse entre eles; não obstante, conheciam muito bem, pela experiência do Sinai, que sua carne mortal e pecaminosa, e sua mente finita, não podiam suportar Sua presença imediata. Isto é lembrado quarenta anos mais tarde por Moisés (Deut. 18:15-19), nas palavras: "O Senhor teu Deus te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim: a Ele ouvirás; segundo tudo o que pediste ao Senhor teu Deus em Horebe, quando reunido o povo: Não ouvirei mais a voz do Senhor meu Deus, nem mais verei este grande fogo, para que não morra. Então o Senhor me disse: Falaram bem aquilo que disseram. Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as Minhas palavras, e Ele lhes falará tudo o que Eu lhes ordenar. De todo aquele que não ouvir as Minhas palavras, que ele fale em Meu nome, disso lhe pedirei contas."

Moisés e os israelitas entenderam corretamente estas palavras ao se referirem a um Profeta particularmente notável; na verdade, podemos estar certos de que Moisés cria que aquele seria o próprio Messias, o Redentor prometido, o próprio Filho de

Deus, que Se ocultaria na carne humana, a fim de habitar entre Seu povo, sem pôr em perigo suas vidas pela presença de Sua não velada divindade. É evidente, portanto, de acordo com este texto, quando considerado em conexão com Êxodo 25:8, que o tabernáculo se destinava a ser uma representação simbólica da natureza do Messias, que apontava para Sua manifestação atual sobre a Terra como o Deus-homem para sempre — o Salvador. Com isso concorda a maioria dos comentaristas. O apóstolo João resume todo o assunto nestas simples, mas esclarecedoras palavras: "O Verbo Se fez carne, e habitou (gr. *residiu*) entre nós" (S. João 1:14.)

Entre os muitos escritores que escrevem sobre a questão do santuário, aprecio em especial Alfred Edersheim¹ e Frederick Whitfield.² Eles concordam na maioria dos pontos essenciais e suplementam um ao outro de maneira notável. É quase supérfluo acrescentar que suas obras também contêm muita coisa que não posso aceitar à luz do pensamento e da pesquisa mais recentes.

A ESTRUTURA

O tabernáculo do deserto era uma estrutura simples de trinta cúbitos de comprimento por dez de largura (aproximadamente 16 metros por cinco, se usado o cúbito egípcio de 20,6 polegadas), e dez cúbitos de altura. Foi feito de madeira de setim, geralmente conhecida como acácia — uma madeira retorcida e nodosa de consistência bastante dura. As tábuas verticais, colocadas lado a lado, repousavam em suportes de prata maciça, e eram cobertas com ouro. Elas formavam as paredes norte, sul e oeste do santuário. A extremidade oriental servia como entrada, e era coberta apenas por um véu. O teto era formado por um véu de "linho retorcido, estofado azul, púrpura e carmesim: com querubins as farás de obra de artista" (Êxodo 26:1). Esse véu consistia de dez cortinas, de vinte e oito cúbitos de comprimento e quatro de largura, ligadas entre si por dois jogos de cinco; eram estendidas sobre toda a estrutura, menos na frente, cobrindo a extremidade ocidental e os dois lados, mas não completamente até o chão. Evidentemente, isto visava preservá-lo de ser danificado pelas intempéries. Sobre o tabernáculo foram colocadas três outras coberturas, ou "tendas", de trinta cúbitos de comprimento, portanto, mais compridas do que a cortina de linho. A primeira delas era de pêlo de cabra, a segunda de pele de carneiro pintada de vermelho e a tercei-

ra de texugo ou pele de foca, que assegurava durável proteção contra os elementos. No vão da porta da tenda havia pendentes dos mesmos materiais, como o véu interior, mas sem o querubim (versos 36 e 37). Eles eram sustentados por cinco colunas de madeira de setim cobertas de ouro e presas com colchetes de ouro; mas essas colunas repousavam em encaixes de bronze.

É em conexão com a descrição da junção das cortinas de linho fino torcido, que cobriam todo o santuário e as mantinha presas umas às outras, que encontramos a importante declaração: "E o tabernáculo passará a ser um todo" (verso 6). Moisés e seu povo foram levados dessa maneira a entender que aquela de reuniões era uma unidade distinta, não um aglomerado de coisas sem nexos. Estas eram todas tão importantes como as primeiras especificações dadas pormenorizadamente pelo Senhor a Moisés, referentes aos móveis que deveriam ser colocados dentro do tabernáculo, começando com a arca do testemunho. Enquanto a outra estrutura não fosse erigida, estas coisas se conservariam unidas umas às outras como um todo vívido.

Dentro do santuário, havia dois compartimentos: o primeiro, chamado lugar santo, tinha vinte cúbitos de comprimento, disputando assim dois terços do total do comprimento; o segundo, denominado Lugar Santíssimo, ou o mais Santo de Todos, tinha dez cúbitos de comprimento, e formava, portanto, um quadrado perfeito. Os dois compartimentos estavam separados um do outro por um véu mais primoroso, semelhante ao que cobria o santuário inteiro, "de estofos azul, púrpura e carmesim, e de linho fino retorcido: com querubins o farás de obra de artista.... O véu vos fará separação entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos" (versos 31 e 33).

No Lugar Santo, junto à cortina da direita, que ficava do lado norte, estava a mesa dos pães da proposição; essa mesa também era feita de madeira de setim coberta com ouro. Fronteiriço a ela, do lado sul, ficavam os castiçais de ouro ou, mais propriamente, a lâmpada de sete braços, feita de ouro puro. No centro, bem em frente do dividido véu, estava o dourado altar de incenso, que, como a mesa à direita, era feita de madeira recoberta de ouro. Esse altar era também um quadrado perfeito, medindo um cúbito em cada sentido, e dois cúbitos de altura. (cap. 30:1 e 2). O santuário interior era ocupado pelo maior de todos os tesouros, a arca do testemunho, uma caixa retangular de madeira de setim coberta por dentro e por fora com ouro, medindo dois cúbitos e meio

de comprimento por um e meio de largura e altura. A tampa dessa caixa formava o que era chamado de o trono da graça, feito de ouro puro e adaptado exatamente ao topo da caixa. Das duas extremidades desse trono de misericórdia saíam dois querubins, feitos do mesmo ouro: "De uma só peça com o propiciatório fareis os querubins.... Os querubins estenderão as suas asas por cima, cobrindo com elas o propiciatório; estarão eles de faces voltadas uma para a outra, olhando para o propiciatório.... Porás o propiciatório em cima da arca; e dentro dela porás o Testemunho, que Eu te darei. Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que Eu te ordenar para os filhos de Israel" (cap. 25:19-22).

O salmista nos diz: "No Seu templo tudo diz: Glória" (Sal. 29:9); a tradução da margem diz: "Cada partícula dele proclama Sua glória." No Salmo 77:13 está escrito: "O Teu caminho, ó Deus, está no santuário". O que, então, é a glória de Deus, e o que significa Seu caminho? Sua glória principal é a perfeição do Seu caráter, de Sua verdadeira natureza, pois ele é luz e amor, beleza e tudo o mais que a alma do homem possa desejar; a luz inacessível na qual Ele habita não é senão a visível emanção de Seu ser. Foi, portanto, por meio da fulgurante luz do Shekinah que Ele tornou conhecida Sua presença sobre o propiciatório; isto foi mencionado como sendo a "glória do Senhor" que encheu o tabernáculo assim que este foi acabado (Êxo. 40:34). Todas as coisas, não obstante, de acordo com Davi, proclamam Sua glória, de maneira que somos corroborados ao concordar com todos aqueles comentaristas que vêem no tabernáculo uma estrutura espacial representante da natureza do Cristo.

Até aqui temos tratado apenas dos aspectos estáticos — a estrutura exterior e os móveis — e agora pararemos pelo caminho para examinar brevemente o que estes representavam.

CRISTO NO SANTUÁRIO

Como Deus-homem, a natureza de Cristo era dual, unindo a humana e a divina. A madeira nodosa do deserto representa de maneira apropriada essa natureza humana que nosso Salvador veio partilhar conosco, e sem a qual não teria ele sido o perfeito "Autor de (nossa) salvação" nem o Sumo Sacerdote compadecido "de nossas fraquezas" (Heb. 2:10; 4:15). O ouro, por outro la-

do, é o principal símbolo bíblico da natureza divina. Em Apocalipse 21:18, é-nos dito que a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, é de "ouro puro, semelhante a vidro límpido", pois ali todos os habitantes ter-se-ão tornado participantes da natureza divina (II Ped. 1:14). Jó também conhecia esta verdade, pois disse: "Se Ele me provasse, sairia eu como o ouro" (Jó 23:10). E Malaquias acrescenta seu testemunho de que o mensageiro do concerto "purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; e eles trarão ao Senhor justas ofertas" (Mal. 3:1-3). Por meio do cuidadoso exame do material de que era feito cada artigo, podemos aprender muitas lições de grande significado. Encontramos a madeira com a cobertura de ouro sendo usada pela estrutura vertical das paredes, bem como pela mesa dos pães da proposição, o altar de incenso e a arca do testemunho. Mas o propiciatório com seus querubins, bem como os sete castiçais, eram de ouro puro. Poderia isto indicar que tanto na natureza física de Cristo (a estrutura externa) como nas potencialidades mentais e espirituais, o elemento divino não só estava ligado com o humano, mas possuía domínio sobre este? Isto não quer dizer que Cristo tenha uma vantagem parcial sobre nós. "Eu nada posso fazer de Mim mesmo", disse ele (S. João 5:30). O poder divino pelo qual Ele vivia, falava e operava era o mesmo que Ele tornou acessível a todos os Seus seguidores — o poder do Pai que habita no interior: "O Pai que permanece em Mim, faz as Suas obras" (cap. 14:10).

O "testemunho" que foi colocado dentro da arca eram as duas tábuas de pedra nas quais estavam escritos os Dez Mandamentos, "escritos com o dedo de Deus" (Êxo. 31:18; 32:16; 34:1). Essa lei é a síntese da vontade de Deus, a norma de Sua justiça e retidão; ela é assim entesourada no mais recôndito santuário da natureza de Cristo, constituindo um dos aspectos do Pai que habita no íntimo. Acima dela está o propiciatório de ouro puro, representando aquele outro aspecto do caráter do Pai — Seu amor e graça perdoadores, que O levaram a dar Seu Filho amado para salvar o pecador arrependido. Realmente vemos aqui que "encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram" (Sal. 85:10). Foi pela perfeita obediência de Cristo aos mandamentos de Seu Pai, Sua completa submissão mesmo na morte, que Ele não só obteve a graça para o Seu rebanho, como também obteve a plenitude da luz do Pai, que habita no interior, a fim de que Ele mesmo Se reve-

lasse como "a luz do mundo" (S. João 8:12).

A mesa dos pães da proposição sobre a qual eram colocados cada sábado doze pães frescos — um para cada tribo de Israel — apontava para o Redentor vindouro como o pão espiritual de Seu povo; um ensinamento que Cristo afirmou claramente com Suas próprias palavras: "Porque o Pão de Deus é o que desce do Céu e dá vida ao mundo. ... Eu sou o Pão da vida; o que vem a Mim, jamais terá fome; e o que crê em Mim, jamais terá sede" (cap. 6:33 e 35).

O castiçal representa claramente a Cristo como a luz do mundo, ardendo com intensidade mediante o azeite de oliva, que é o invariável símbolo bíblico do Espírito Santo. Em S. João 8:12 encontramos o registro da reivindicação de Cristo: "Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andarás nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida". No santuário, o sumo sacerdote e seus assistentes, os sacerdotes, eram untados com azeite. Lucas menciona que Cristo aplicou a si mesmo a profecia de Isaías 61:1: "O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados" (S. Luc. 4:18); e Pedro torna ainda mais claro o simbolismo nestas palavras a Cornélio: "Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder" (Atos 10:38). A razão para o castiçal ser de ouro puro virá mais tarde.

O dourado altar de incenso era o lugar de oração, de comunhão com Aquele que habitava acima do propiciatório. Apocalipse 5:8 diz-nos que as "taças de ouro cheias de incenso" são "as orações dos santos", e Davi orou: "Suba à Tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina" (Sal. 141:2). Moisés foi instruído a pôr esse altar diante do véu, isto é, no primeiro compartimento, bem no centro do espaço diretamente em frente do véu; mas o hebraico diz que havia o "Santíssimo" que "tinha o incenso dourado" (Heb. 9:3 e 4) que Paulo chama de altar de incenso. Há uma bela lição nesta aparente contradição, pois o propósito desse altar era a queima do incenso com fogo sagrado, retirado do altar do sacrifício no pátio, a fim de que a fumaça fragrante do incenso subisse e penetrasse tanto através do véu, como sobre o véu que separava no interior a real presença de Deus. Assim o altar era o instrumento, o meio que levava a um fim, e ficava diante do véu; o propósito era a coisa produzida, a expressão da alma em comunhão com Deus, e esta alcançava o interior do véu. O sumo sacerdote terreno gastava grande parte do

seu tempo, se ele vivesse à altura desse nome, intercedendo por si mesmo e por seu povo nesse altar, mas lhe era ordenado queimar incenso sobre ele principalmente à hora do sacrifício da manhã e da tarde, logo depois de vestir-se e acender as lâmpadas do castiçal de ouro. Deveria ser "incenso contínuo perante o Senhor pelas vossas gerações" (Êxo. 30:7 e 8). Da palavra *contínuo* podemos concluir que ele queimava continuamente, desde quando era aceso até a próxima ocasião. Assim a congregação do lado de fora deveria unir-se no culto da manhã e da tarde em ocasiões fixas, mas aqueles que tinham discernimento espiritual se uniam em espírito com o sumo sacerdote na oração, quando iam para suas atividades diárias — como nos recomenda Paulo a "orar sem cessar" (I Tess. 5:17). Logo o dever de preparar as lâmpadas e queimar o incenso seria partilhado com os sacerdotes comuns. Estes se tornaram depois muito numerosos, e foram divididos em vinte e quatro ordens ou turnos (I Crôn. 24); dessa forma, lemos no primeiro capítulo de Lucas, relacionado com Zacarias, o pai de João Batista, que "exercendo ele diante de Deus o sacerdócio na ordem do seu turno, coube-lhe por sorte... entrar no templo do Senhor para queimar o incenso, e durante esse tempo, toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando" (S. Luc. 1:8-10).

O SUMO SACERDOTE

A menção do sumo sacerdote, leva-nos ao elemento dinâmico dentro do tabernáculo e à discussão do caminho de Deus. Todo o tabernáculo desperta para a vida apenas com a inauguração dos serviços sacrificais, todos eles realizados pelo sacerdócio, sob a supervisão do sumo sacerdote. Todo sacrifício era uma prefiguração da entrega da vida do Salvador em lugar da vida do pecador, e um memorial da antiga promessa de um Redentor. Assim, um misericordioso Criador, prevendo que Seu povo cairia em pecado, por causa da fraqueza de sua natureza pecaminosa, providenciou-lhe, imediatamente após ter proclamado Sua lei no Sinai, uma minuciosa e completa lição objetiva por meio da qual pudesse ele aprender todos os aspectos essenciais do evangelho. Este era o caminho de Deus corporificado em toda a vida, morte e ressurreição de Seu encarnado Filho em um grau tal que Cristo poderia dizer com acerto: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim" (S. João 14:6).

A morte sacrificial de Cristo, embora fosse o clímax de Sua vida, era a pedra fundamental, precisamente o passo inicial no caminho da redenção, o preço total e completo da expiação do pecado. O altar do sacrifício, aonde os sacerdotes levavam todos os sacrifícios animais que tipificavam o oferecimento da vida de Cristo, foi curiosamente colocado *do lado de fora* do tabernáculo, no pátio interno que o rodeava. O princípio aqui apresentado é que o adorador não é nem digno nem habilitado a entrar na presença de Deus, a menos que seja primeiro purificado ao aceitar o sacrifício vicário do Salvador, por meio do arrependimento, confissão e fé. Antes da promulgação da lei no Monte Sinai, o Senhor havia convidado toda a nação de Israel a uma relação íntima com Ele, um concerto ou acordo mediante o qual eles seriam Sua "propriedade particular dentre todos os povos" e "reino de sacerdotes e nação santa" (Êxo. 19:5 e 6). Este é o mesmo relacionamento do cristão com a Igreja à qual Pedro escreve: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz" (I Ped. 2:9). E, portanto, claro que tanto os israelitas como os cristãos devem ver-se refletidos, quer na vida, quer nas atividades espirituais, na pessoa e no serviço dos sacerdotes, ao cooperarem com seu grande Sumo Sacerdote.

A queima do animal sacrificial representava a remoção da culpa e da penalidade do pecado, uma purificação da alma penitente que foi mais tarde representada na Igreja cristã pelo batismo, uma completa lavagem do pecado e morte para este. (Rom. 6:4). O altar ficava em linha reta entre a porta do pátio e a entrada para o tabernáculo. Um pouco mais perto do tabernáculo, na mesma direção, ficava a pia de bronze, um grande recipiente redondo cheio de água, ao qual os sacerdotes se dirigiam para lavar as mãos e os pés, após lidarem com os sacrifícios e antes de entrarem no tabernáculo sagrado. Isto era um símbolo claro da lavagem da contaminação dos pecados cometidos após a primeira grande purificação, e é a esse rito que Se refere, evidentemente, quando lavou os pés de Seus discípulos: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo." (S. João 13:10). Mas enquanto os sacerdotes lavavam os próprios pés na pia de bronze, nosso Salvador tornou claro que Ele, e somente Ele, podia realmente lavar Seus seguidores do pecado cometido de-

pois do batismo, pois assim como a limpeza física depende da água, também a limpeza espiritual só pode advir d'Aquele que é Ele mesmo a Água da Vida.

1. Alfred Edersheim, *The Temple, Its Ministry and Services* (Grand Rapids; William B. Eerdmans Pub. Co., 1954).

2. Frederick Whitfield, *The Tabernacle, Priesthood and Offerings of Israel* (Welwyn Garden City: James Nisbet and Co., 1884).

Apresentação Clara e Simples da Verdade

Os pastores devem ter uma maneira mais clara e simples na apresentação da verdade tal como é em Jesus. Sua própria mente deve compreender mais plenamente o grande plano da salvação. Poderão assim conduzir a mente dos ouvintes das coisas terrenas às espirituais e eternas.

Muitos há que querem saber o que precisam fazer para salvar-se. Querem simples e clara explanação dos passos requeridos na conversão, e não deve ser feito

um sermão sem que parte dele se destine a tornar claro o caminho para os pecadores irem a Cristo e se salvarem.

Devem apontar-lhes Cristo, como fez João, e com tocante simplicidade, corações ardendo no amor de Cristo, dizer:

“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.”

Fortes e diligentes apelos devem ser feitos ao pecador para que se arrependa e converta.

Os que negligenciam essa parte da obra devem converter-se a si mesmos antes de se aventurarem a fazer um sermão.

Aqueles cujo coração se encontra cheio de Jesus, das preciosas verdades de Sua Palavra, serão capazes de tirar do tesouro de Deus coisas novas e velhas. Não terão tempo para narrar anedotas; não se fatigarão para tornar-se oradores, ascendendo a alturas a que não podem levar com eles o povo; mas em linguagem simples, com tocante veemência, apresentarão a verdade como é em Jesus.

O ESPÍRITO SANTO

Cristo, o grande Mestre, possuía ilimitada variedade de assuntos de que escolher, mas aquele em que mais longamente demorava era a dotação do Espírito Santo. Quão grandes coisas predisse Ele para a Igreja em virtude desse dom! Todavia, que assunto é menos considerado agora?

Que promessa é menos cumprida? Faz-se um discurso ocasional acerca do Espírito Santo, e depois o assunto é deixado para consideração posterior. — E. G. White.

Vinte Conselhos a Pastores Jovens

Durante trinta e cinco anos, Daniel F. Roth foi pregador adventista de língua alemã. Quando faleceu, seu filho Don A. Roth estava separando os papéis dos arquivos, e encontrou por acaso manuscritos que seu pai havia usado quando freqüentou o antigo Seminário Teológico de Clinton (essa instituição funcionou em Clinton, Missouri, desde 1910 até 1925 como colégio para adolescente, aliada a escola primária e ginásio. Atraindo alunos dentre os muitos adventistas de fala alemã do Centro-Oeste dos E.U.A., seu objetivo era preparar ministros para trabalharem entre os imigrantes alemães.) A folha que servia de guarda, de um dos livros, trazia o seguinte conselho, que D. F. Roth havia escrito a mão, em inglês, e intitulado: "Dez Não-Faças Para Pastores Jovens". Consideramo-lo um excelente conselho, não só para jovens pastores, mas para pastores de todas as idades, e justamente tão necessário hoje como quando foi escrito décadas atrás. — Os editores.

01. Não gaste mais do que ganha.
02. Não seja uma pessoa mesquinha.
03. Não pregue suas dúvidas.
04. Não fale tanto contra coisas, mas a favor de princípios.
05. Não seja tentado em tempo algum a não pregar o melhor.
06. Não viva pensando em um campo maior ou outro chamado.
07. Não seja pessimista.
08. Não se dedique a contar histórias impróprias.
09. Não perca o equilíbrio emocional em público.
10. Não se esqueça da Bíblia, ao procurar textos para pregar.
11. Não tenha inveja de seus colegas de ministério.
12. Não censure personalidades nem entre em choque com elas.
13. Não seja artificial nem sensacionalista.
14. Não menospreze as pequeninas coisas.
15. Não seja indolente.
16. Não negligencie o enfermo e o aflito.
17. Não traia a confiança.
18. Não deixe de guardar suas anotações.
19. Não permita que ninguém dite sua mensagem.
20. Não deixe de orar.

— Daniel F. Roth